

Rodolfo Fernandes e Helena Chagas

O GLOBO: Margaret Thatcher ficou 12 anos no poder, Felipe Gonzáles ficou 14, são líderes que mudaram seus países. Qual a sensação que o senhor tem, depois de dez anos, sendo oito na Presidência, de deixar mais por fazer do que o que foi feito?

FERNANDO HENRIQUE: Faltam sempre coisas no Brasil, como em qualquer lugar do mundo. O problema é saber se você mudou ou não. O Brasil de hoje é igual ao Brasil de há dez anos ou é diferente? Mudou para melhor ou para pior? Acho que é essa a questão central. É mais qualitativa do que quantitativa, embora haja aspectos quantitativos também. Nesses dez anos — e não fui eu — o Brasil mudou para melhor.

• *E após esses dez anos, qual seria o seu principal legado?*

FH: Penso que a consolidação da democracia propicia isso, ou seja, enraíza as mudanças, porque foi feita em clima de liberdade, com muita reivindicação e com muita discussão. Então, a estabilidade não é econômica; a estabilidade geral permite que se focalizem as coisas de maneira mais adequada e crie instituições. Nesses anos passados, essa consciência aumentou muito no Brasil, e isso permite, por exemplo, que a política social hoje tenha sido feita como nunca antes foi feita, com a menor carga de clientelismo possível, com focalização nos mais pobres. Comparando com México, China e outros países, o Brasil, embora economicamente não tenha tido um desempenho extraordinário, socialmente ele teve esse desempenho. Todos os indicadores sociais cresceram mais depressa do que nesses outros países.

• *Mas, se a marca do governo foi a estabilidade da economia, não houve aí então uma falha de comunicação que não permitiu passar essa idéia de melhora?*

FH: Sim, foi falha de comunicação, mas não se trata de falha de comunicação no sentido técnico, mas político. A meu ver, faltaram símbolos políticos: os partidos que sustentavam, que eram a base do governo, cederam, sem brigar muito, à retórica da oposição, de que o governo se concentrou na economia, não no social. Quando se vai aos dados, não é assim. Diz-se: "Aumentou o desemprego". De fato, aumentou, mas não na proporção que disseram — é muito menos — e sem comparação. Como é o desemprego nos outros países? O Aznar se disse contente porque chegou a 9% na Espanha. Nós nunca chegamos a 9%. Não obstante isso, ainda no primeiro mandato, quando o desemprego estava por volta dos 5%, a discussão na reeleição foi o desemprego. Então, politicamente, a oposição foi mais competente. Por quê? Porque nós tivemos que fazer mudanças com uma disputa pela hegemonia política com o PT. Não é ideológico, mas político — é o poder. Agora, quando chegamos ao poder, vamos ver o que eles farão.

• *Essa sensação de que muito falta a ser feito não vem também de um permanente estado de crise econômica que o Brasil viveu nos últimos anos?*

FH: Mas não houve um ano de crise no sentido técnico. Agora vejamos: isso é uma redução ao *economicismo* — crescimento do PIB, e não a transformação da qualidade das coisas. O que está acontecendo é uma fase de mudança profunda do padrão capitalista no mundo. O que nós fizemos aqui? Nós preparamos o Brasil para isso. A meu ver, talvez, o lado mais visível disso é o caso da telefonia. Nós passamos de 20 para 50 milhões de telefones fixos; de zero para 30 milhões de celulares. Sem isso, como fica a questão da internet? Onde estaria a possibilidade de o Brasil entrar? Só isso é uma mudança radical.

• *Mas se tivesse havido isso com o crescimento econômico... Porque as empresas também agora estão em dificuldades, todas elas mudaram na pressuposição de um cenário de crescimento econômico.*

FH: Mas esse cenário, hoje, não se define aqui dentro, mas no mundo. Veja que os anos em que o crescimento chegou a 4,5% para cima foram em 1996 e 2000. Por quê? Porque não houve crise financeira. Em todos os outros anos houve crise financeira. Então, não adianta o governo decidir que vai crescer. Não é o governo quem define isso; é um processo muito mais complicado. O que se tem de fazer é, apesar disso, criar condições para a economia sobreviver. Os países que mais continuamente cresceram na América Latina foram o Chile e o México, este porque se integrou ao Nafta. Então, acho que temos problemas sérios ainda quanto à nossa abertura. E aqui essa mentalidade, que chamo de *ptolomaica* — quer dizer, de que as pessoas não percebem que o mundo mudou — é muito forte. A qualquer iniciativa no sentido da



FH NA POSSE, em 95, ao lado de Itamar: "Abrir a economia é inexorável e eu abri pouco, quase nada. Qualquer iniciativa nesse sentido, o pessoal é contra"

'Eu abri pouco a economia'

abertura, o pessoal é contra. Ainda pensam que é possível fazer políticas protecionistas; ainda pensam que é preciso ter política industrial com subsídio.

• *Mas o senhor mesmo não era mais entusiasmado com essa abertura no início do governo, com a globalização? Será que não se foi longe demais para um lado e agora descobriu-se que é preciso voltar um pouco?*

FH: Não concordo com isso. Discordo inteiramente. A crítica que eu fazia à globalização — fiz em abril de 1995 na Cepal — é a mesma: é à globalização financeira e à questão do fluxo financeiro. Não fazia críticas à abertura da economia.

• *Isso o senhor acha que é inexorável?*

FH: Não só é inexorável como eu abri pouco. Eu não abri nada. Algumas das medidas que tomei foram para fechar, como foi o caso dos automóveis.

• *Mas o senhor aprovou a reforma da ordem econômica.*

FH: Mas não abriu a economia; não baixou tarifas. O que fiz foi outra coisa: as bases para haver investimento. O que aconteceu com a indústria do petróleo com isso? Dobrou de tamanho. O que aconteceu com a telefonia? Onde houve problemas, que foi no setor de energia, não houve privatização. A geração continuou estatal. Em ferrovia, onde houve privatização, avançou-se. É o contrário: o Brasil precisa de mais reforma, não de menos reforma. Esse pensamento de "quem sabe agora vamos equilibrar" está errado.

• *Então, voltando ainda a essa questão de por que se poderia ter crescido ou não, a crítica mais recorrente que se faz ao seu governo é quanto ao problema do câmbio. Como é que o senhor vê hoje esse problema, que amarrou o crescimento?*

FH: O que aconteceu com o câmbio? O câmbio nunca foi fixo no Brasil. Ele foi supervalorizado no período do presidente Itamar, chegando a R\$ 0,82. Naquela épo-

ca, procurei o presidente Itamar e disse que aquilo não poderia ser daquela forma, porque haveria problemas com a exportação. Todo mundo estava muito contente com a valorização do real. Nós tentamos corrigir isso no começo de 1995. Não deu certo, porque houve a crise do México.

• *A idéia era corrigir antes da posse?*

FH: Não deu certo por conta da crise do México. Tentamos corrigir em março. Não deu certo porque houve um desaguado na equipe técnica. Depois, houve a crise bancária no Brasil, em 1995, que nós tivemos que resolver, saneando os bancos. Não tínhamos condições de mexer nisso. Em 1996, a economia cresceu e todo mundo começou a entender que seria bastante razoável o câmbio do jeito que estava, até porque... O que o câmbio fixo fez? Primeiro, ele deu uma referência de preços mais estável — era a âncora cambial para evitar a inflação. Segundo, fez mais: a modernização industrial que ocorreu foi porque a importação ficou barata. Quando se vai ver o que nós importamos, verificaremos que foram equipamentos e matéria-prima. A indústria se remodelou na base do câmbio barato para importação. Isso não quer dizer que não se pudesse ter mexido mais depressa no câmbio, visto *ex post*. Na época, ninguém ousava, porque tinha medo da volta da inflação.

• *Mas como era essa discussão dentro do governo? É fato ou é uma lenda que os ministros José Serra e Bresser Pereira alertavam para esse problema?*

FH: Não é que alertavam. Eles, tanto o Serra quanto o Bresser, têm uma visão... O Serra era contra a abertura da economia; discordava mais profundamente das coisas. O Bresser sempre foi favorável à aceleração da mudança cambial. Mas os economistas do governo, os que estavam trabalhando no governo — e os de fora também, embora eu não vá citar nomes, conversava com muitos — tinham muitas dú-

vidas sobre se valia a pena mexer no câmbio. Até porque eu alegava o seguinte: a exportação não aumenta só por causa do câmbio, e dava exemplos.

• *E qual era realmente a posição do ministro Malan nesse contexto?*

FH: A posição do ministro Malan era próxima à posição do Gustavo Franco, que pensava, mesmo mais tarde, em 1998, que se deveria mexer mais devagar no câmbio.

• *Gustavo Franco acha até hoje que não se deveria ter mexido.*

FH: Ele acha que poderia dar certo assim. É difícil você saber... Enfim, como mudou, não dá para testar a hipótese dele. Porque não era fixo o câmbio; não era como na Argentina, nunca foi. Era só uma questão de grau, de bandas, abrindo mais ou menos.

• *Quando o senhor ouve expressões como "populismo cambial", "estelionato eleitoral", qual a sensação que o senhor tem?*

FH: Isso é coisa de luta política; não tem consistência. Estelionato eleitoral quem fez foram outros; eu nunca fiz. Ao contrário, em setembro de 1998, eu disse que iria ao Fundo Monetário, isso antes das eleições. Nunca tive medo de dizer, até porque penso que o povo, se você tiver uma certa linha, acompanha. Diga-se de passagem que, obviamente, o povo — o povo, não, a classe média — preferiria o câmbio mais alto. Era ótimo; as pessoas viajavam...

• *O câmbio teve impacto agora na inflação. O senhor acha que ela está voltando?*

FH: O que acontece é que, como não há indexação, essa inflação de agora, realmente, é consequência da manutenção de taxas elevadas do dólar por muito tempo. E o dólar está aí sendo especulado em razão das eleições. O maior problema que o novo governo vai enfrentar é operacional, e não de orientação ideológica. É preciso ter competência para...

• *O senhor não está deixando a inflação de herança para o seu sucessor? Se a inflação aumentar, ele vai dizer que já aumentou no governo Fernando Henrique.*

FH: Ah, não! Não aceito, não é verdadeiro. Está abaixo de 10% ao mês. Mas isso não quer dizer que não se deva controlar, não. Tem que controlar, e já. Por isso nós aumentamos a taxa de juros. Não se poderá dizer isso, porque, no final do governo, aumentamos a taxa de juros para controlar a inflação — não é mole, não!

• *Pelo lado fiscal o governo obteve recordes e recordes de arrecadação. Mas pelo lado de despesas pouco foi feito, porque elas não caíram em nenhum ano do governo.*

FH: A despesa aumentou, e não há margem para cortar. Aliás, só há uma margem, que é a Previdência e em longo prazo. E por quê? Porque a despesa está basicamente no social. Cortar despesas, neste momento, significa cortar programas. Então, isso é tudo ilusório. E outra coisa: como o orçamento é amarrado, a rigidez é muito grande, a margem onde se corta é no setor de investimento, o que prejudica o Brasil. Então, isso tudo são coisas de quem não conhece o dia-a-dia do manejo orçamentário. Não tem como se fazer isso.